



BIODIVERSIDADE

Há cada vez mais cegonhas com residência (de Inverno) em Portugal

O mais recente levantamento sobre a população de cegonhas invernantes em Portugal decorreu entre 5 e 10 de Outubro. Os dados preliminares apontam para a existência de uma comunidade de, pelo menos, 19 mil indivíduos, o que significa que as cegonhas que optam por passar o Inverno em Portugal continua a aumentar.

Andrea Cunha Freitas 1 de Novembro de 2020, 14:01

ADRIANO MIRANDA

CONTEÚDO EXCLUSIVO

Uma equipa de voluntários e investigadores de várias instituições andou por várias regiões do país a contar cegonhas durante apenas cinco dias,

entre 5 e 10 de Outubro. Os dados preliminares do mais recente censo indicam que há cada vez mais cegonhas a escolher Portugal como lugar de residência durante o Inverno. Serão já mais de 19 mil indivíduos, um resultado que confirma o aumento da comunidade e uma mudança dos hábitos destas aves que estão sobretudo perto dos arrozais e de aterros sanitários.

A contagem de cegonhas em Portugal envolveu investigadores e voluntários e, desta vez, até contou com a participação de cidadãos através das redes sociais, conta ao PÚBLICO Inês Catry, investigadora no Cibio (Cibio/InBIO – Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva, da Universidade do Porto), que coordenou este esforço. O censo faz parte do projecto “*Birds On The Move: adaptive migratory behaviour in response to global environmental change*” (“Aves em Movimento: adaptação do comportamento migratório em resposta a mudanças ambientais globais”). A investigação, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, inclui também a participação de investigadores da Universidade de East Anglia, do BTO (British Trust of Ornithology) e da Universidade de Castela-La Mancha.

O projecto, explica a cientista, explora “questões relacionadas com as mudanças no comportamento migratório das cegonhas (muitas deixaram de migrar para África e ficam em Portugal/Espanha todo o ano) e tenta perceber quais as vantagens e desvantagens de migrar”. Para tirar algumas conclusões, é preciso primeiro parar para

contá-las. Com a maior parte dos dados reunidos, Inês Catry avança que foram já contabilizadas 19 mil cegonhas que estarão a escolher passar o Inverno em Portugal e que deixaram de migrar para África. O resultado final poderá chegar às 19.500, admite a investigadora que também coordenou o anterior censo à população destas aves, realizado em 2015.



A investigadora Inês Catry DR

“Em 2015 foram contados 14.434 indivíduos e em 2020 já serão cerca de 19 mil, o que significa que o número de cegonhas que passa o Inverno em Portugal continua a aumentar”, precisa a cientista. Geralmente, os censos internacionais das populações de cegonha-branca (que incluem os indivíduos reprodutores e invernantes) são realizados

de dez em dez anos, e Portugal também participa. No último, realizado em 2014, contabilizaram-se em Portugal 11.691 casais, ou seja, 23.382 indivíduos no total no país, incluindo os que partem e os que ficam. O próximo censo da população nacional só deverá ser feito em 2024, mas enquanto esperamos por isso já é possível perceber que, pelo menos, o grupo de residentes durante o Inverno está a aumentar.

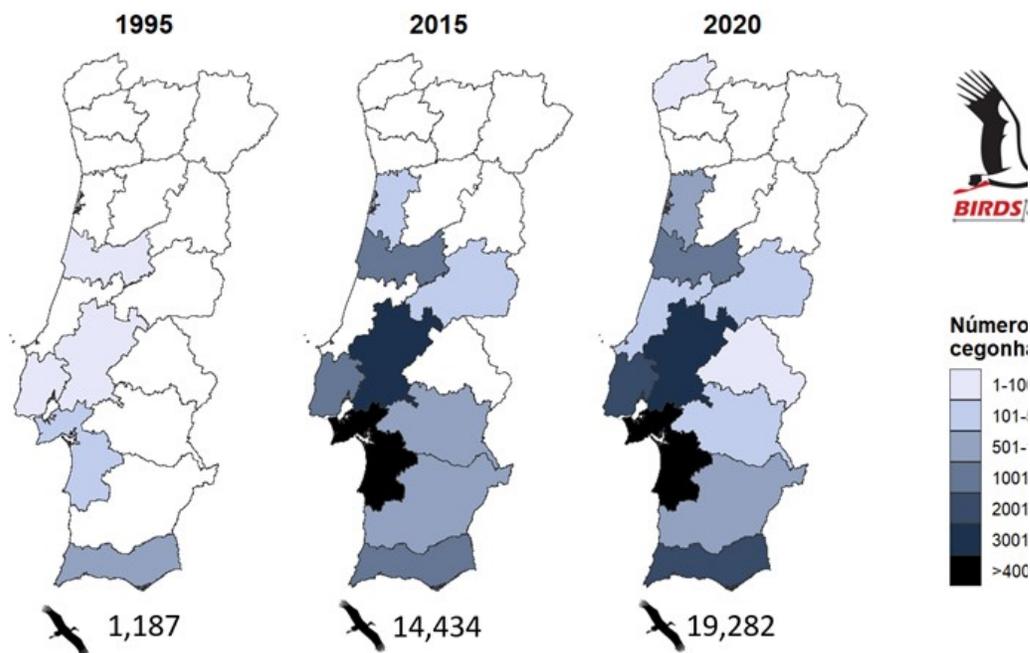
Sem saber o número total de cegonhas que estão em Portugal não é possível saber qual a percentagem da população residente, mas Inês Catry acredita que esta parte terá aumentado em relação ao levantamento anterior que já apontava para 61,7%. A percepção ganha mais força quando é tida em conta uma outra vertente do projecto baseada no acompanhamento de apenas algumas cegonhas, marcadas com aparelhos de GPS. Uma forma de seguir as suas rotas e destinos. “Entre os cerca de 60 indivíduos adultos marcados nos últimos dois anos, 77% são residentes, e apenas 23% passaram o estreito de Gibraltar, ficando alguns em Marrocos e outros continuam até ao Sahel passando o Inverno na Mauritânia, Mali, Senegal ou até mesmo no Níger e na Nigéria”, refere a investigadora sublinhando que “algumas das nossas cegonhas passam o Inverno (ou parte do Inverno) no Sul de Espanha”.

O isco dos aterros

O censo realizado agora foi concentrado em apenas cinco dias para evitar duplicações de contagens. Em zonas com maiores áreas e que estão próximas, a equipa desdobrou-se para que a tarefa de observação ficasse

concluída num só dia. “Nesta altura, já todos os adultos e juvenis que migram para África abandonaram o país e, por isso, sabemos que só estamos a contar aves que não migram. O censo decorreu em todo o país. A nosso trabalho, sabemos onde se concentra a maioria das cegonhas fora do período reprodutor (Inverno) e são essas zonas que são visitadas”, explica ainda Inês Catry, apontando para algumas zonas de Norte a Sul no mapa de Portugal: Viana do Castelo, Vila Real, Fundão, Aveiro, Baixo Mondego, Vieira de Leiria, Tejo e Sorraia, Sado, Santo André, Alentejo e Algarve.

A equipa é composta maioritariamente por voluntários que já participaram em censos anteriores e que trabalham ou vivem em diferentes zonas do país, num grupo que já reúne cerca de 35 pessoas. Alguns dos participantes estão envolvidos no projecto a título individual, outros em representação de instituições como o Cibio/InBio, da Universidade do Porto), a Universidade de East Anglia, o Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, a Estação Ornitológica Nacional Monte do Outeirão (em Santo André) e a Quercus.



BIRDS ON THE MOVE

Sabe-se já que os locais preferidos pelas cegonhas são sobretudo aterros sanitários e zonas de arrozais e não é difícil perceber porquê. É nestes lugares que encontram alimento em abundância suficiente para um abastecimento que cobre todo o ano. Por isso, é também nestes locais que se encontra a mais provável explicação para o aumento de cegonhas no país durante os meses mais frios. A justificação é simples: se houver alimento não é preciso migrar.

No Alentejo, por exemplo, os aterros sanitários de Beja, Évora e Ermidas do Sado serão pontos de concentração importantes para as cegonhas. “Em termos de números, posso dizer que os arrozais do Tejo, Sorraia e Sado são as áreas que concentram maior número de cegonhas (cerca de 50%), seguindo-se a zona do Barlavento algarvio (incluindo o seu aterro sanitário)”, responde Inês Catry. Sobre o papel dos aterros, a

cientista destaca que no caso do que existe nas Ermidas do Sado e no Barlavento foram contadas cerca de 2000 cegonhas, em cada um deles.

“Trabalhamos muito com a questão dos aterros, porque é um dos factores mais importantes (senão o mais importante) para as mudanças de comportamento observadas”, confirma a investigadora. O acompanhamento do grupo de cegonhas marcadas com aparelhos GPS munidos de equipamentos (acelerómetros) que permitem registar o comportamento das aves durante todo o ano e perceber se estão a comer, a descansar ou a voar também ajuda a clarificar o papel dos aterros.

“O nosso trabalho mais recente mostrou-nos que para uma cegonha alimentar-se do lixo, num aterro sanitário, é uma estratégia benéfica. Em média, as cegonhas gastam menos energia e passam menos tempo a comer se se alimentarem nos aterros comparativamente a outros habitats (naturais). E isto é verdade mesmo quando tem de percorrer maiores distâncias para chegar ao aterro”, nota a coordenadora do projecto.



O papel dos aterros na fixação das cegonhas em Portugal já é uma questão antiga e há bastante tempo que se sabe que serão uma peça fundamental que ajuda a explicar a

mudança de comportamento nesta espécie.
Desde a década de 1980 que mais e mais
cegonhas-brancas (*Ciconia ciconia*)
portuguesas desistiram de migrar para a
África subsariana durante o Inverno,
mantendo-se por cá.

Para consolo das cegonhas e desconsolo dos
ambientalistas, o fim dos aterros está longe
de ser uma realidade. Os dados do mais
recente relatório da Organização para a
Cooperação e Desenvolvimento Económico
(OCDE), publicado em Novembro de 2019,
que avalia diferentes indicadores ambientais
– alterações climáticas, qualidade do ar,
recursos hídricos, economia circular e
resíduos, recursos biológicos e
biodiversidade –, mostra que Portugal ainda
envia quase metade dos seus resíduos sólidos
geridos pelos municípios para aterros. Mas a
legislação ambiental sobre a gestão do lixo
quer reduzir ao mínimo esta solução do
aterro, que o país está obrigado a quase
abandonar, dado que a União Europeia exige
que se enterre um máximo de 10% de
resíduos em 2030. Resta saber se com menos
aterros (ou menos lixo nos aterros) vamos
continuar a ter mais cegonhas a escolher
passar o Inverno por cá.

acfreitas@publico.pt

**SUBSCREVA A NOSSA NEWSLETTER O
QUE (ÀS VEZES) LHE ESCAPA**

OCASIONALMENTE

Os melhores trabalhos dos últimos dias.
Para que nunca lhe escape nada.

Subscrever

Tomei conhecimento que as newsletter editoriais poderão conter publicidade. OBRIGATÓRIO

O QUE PRECISA DE SABER
CORONAVÍRUS

 **Receba as**
nossas
notificações e
seja o primeiro
a saber.

Descarregue
a nossa app

TÓPICOS

CIÊNCIA | BIODIVERSIDADE | ANIMAIS | AVES |
NATUREZA | CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

 TORNE-SE PERITO